

ELEIÇÕES MUNICIPAIS

Tabata desafia Marçal, e Boulos é cobrado a atacar

Candidata à prefeitura paulistana reforça, em novo vídeo, suposta conexão do influencer com o PCC. E militância exige postura agressiva de líder das pesquisas contra adversário

» FABIO GRECCHI

A candidata do PSB à prefeitura de São Paulo, Tabata Amaral, publicou, ontem, um novo vídeo nas redes sociais desafiando o adversário Pablo Marçal (PRTB) a enfrentá-la no debate agendado para o próximo domingo, às 18h, promovido pela *TV Gazeta* e pelo canal *My News*. Mais uma vez ela reforça as supostas conexões do influencer com o Primeiro Comando da Capital (PCC) — uma das principais facções criminosas do país — e indaga qual a origem do dinheiro que banca a candidatura dele.

Já o líder nas pesquisas, Guilherme Boulos (PSol), também publicou vídeos atacando Marçal. Um, num tom similar aos de Tabata, mostra cápsulas de projéteis de fuzil representando os rivais do PRTB e MDB. Outro, aponta as acusações de ligações com organizações criminosas contra o “padrinho de Marçal” — o presidente do PRTB, Leonardo Avalanche.

Porém, Boulos foi cobrado pela militância a ser mais agressivo. No X (antigo Twitter), seus apoiadores deixaram clara a insatisfação com a postura em relação a Marçal. Dos primeiros 150 comentários, 60 salientavam a preocupação com o comportamento do candidato, criticando a demora ou a ineficiência da comunicação da campanha em contra-atacar o influencer.

“Ainda está fraco, Boulos. Pelo amor de Deus, reage homem”, cobrou um eleitor. “Quero ver você batendo nesse picareta igual a Tabata”, pediu outro. Um terceiro foi mais enfático: “Tem que ir na jugular desse bandido, coisa que a Tabata está fazendo. Está muito água com açúcar a sua campanha”, criticou.

Reprodução de vídeo



Deputada suspeita da origem do dinheiro que banca campanha de Marçal

Desconfiança

No vídeo publicado ontem, a candidata do PSB lança desconfianças sobre a trajetória de Marçal. Afirma que a história do influencer é repleta de episódios mal esclarecidos.

“Em 2010, ele foi condenado

à prisão por aplicar esses golpes. Mas por que ele não ficou preso? Porque recorreu da sentença por oito anos, até a condenação prescrever, em 2018. Recorrer custa caro e Pablo ainda não era empresário. De onde veio o dinheiro?”, suspeita Tabata, que mais uma vez o relaciona ao PCC.

Ela lembra, ainda, que Marçal teve as contas nas redes sociais suspensas pela Justiça eleitoral por ferir as regras do pleito, consequência de uma ação movida pelo partido de Tabata. E o desafia a enfrentá-la no próximo domingo.

“Vou apresentar minhas propostas para a cidade, mas, também, vou desmascarar você mais uma vez”, adiantou.

A ofensiva de Tabata contra Marçal começou na sexta-feira passada, quando publicou o primeiro vídeo apontando as conexões que ele teria com o PCC e com o fisiculturista Renato Cariani, que responde a processo por tráfico de drogas. A deputada monta uma teia de personagens que teriam conexão com a facção criminosa e que estariam por trás da candidatura do influencer. Marçal afirma que não pede “nada consta” às pessoas que trabalham na sua campanha.

O gatilho para Tabata tornar Marçal seu alvo foi a insinuação de que ela seria responsável pela morte do próprio pai porque foi estudar nos Estados Unidos. Atacou-a, ainda, dizendo que a deputada não poderia ser prefeita porque não é casada (vive maritalmente com o prefeito de Recife, João Campos).

Em entrevista, ontem, à *CNN*, Marçal tentou se distanciar dos membros do PRTB suspeitos de serem ligados à facção criminosa. “Sobre pessoas do PCC no meu partido, queria pedir à Polícia Civil, à Polícia Federal, à Polícia Militar: por favor, se vocês sabem que eles estão no meu partido, por que vocês não prendem esses caras? Quero fazer uma campanha nacional, me ajude a limpar o PRTB. Se o partido é pequeno, o que o PCC está fazendo lá?”, pediu. (Com Agência Estado)

Ação no TSE ameaça candidatura do “coach”

» YASMIN RAJAB

A ministra Cármen Lúcia, presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), destravou uma ação que pode inviabilizar a candidatura de Pablo Marçal (PRTB) à prefeitura paulistana. O processo é movido pela viúva de Levy Fidelix — polêmico por declarações homofóbicas nas campanhas à Presidência da República que concorreu — e tem como alvo Leonardo Avalanche, presidente do partido ao qual o influencer é filiado.

A ação estava parada há mais

de duas semanas no gabinete da ministra e é assinada por três ex-ministros do TSE — Carlos Eduardo Caputo Bastos, Carlos Horbach e Sérgio Banhos. Na peça, Aldineia Fidelix acusa Avalanche de desrespeitar um acordo fechado em fevereiro passado.

A ideia era pacificar o partido entregando a ela a vice-presidência nacional da legenda, além de seis cargos na executiva nacional e 20 postos do diretório nacional. A viúva de Fidelix também controlaria os diretórios do PRTB em São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Rio Grande do Norte e Roraima.

O acordo veio depois que o ministro Alexandre de Moraes, então presidente do TSE, determinou um interventor para o PRTB, que depois da morte de Fidelix, em 2021, vivia um período de feroz disputa interna. A intenção era convocar uma nova eleição que definisse presidente, diretório nacional, comissão executiva e delegados do partido.

A viúva de Fidelix argumenta que, pelo acordo, ela deveria comandar o diretório de São Paulo, daí porque pede ao TSE a anulação dos atos de Avalanche — maior avalista da

candidatura de Marçal, confirmada por uma comissão provisória que validou a que o influencer fosse lançado às eleições paulistas.

O registro de Marçal foi alvo de três impugnações na Justiça Eleitoral desde o início do mês. As ações alegam que ele desrespeitou o estatuto do PRTB, que exige seis meses de filiação antes de uma candidatura ser confirmada na convenção partidária. O influencer assinou a ficha do partido em 5 de abril e obteve o endosso para disputar a prefeitura paulistana quatro meses depois, em 4 de agosto.

JUDICIÁRIO

Advogados pedem que Moraes deixe inquérito de vazamento

» RENATO SOUZA

Os advogados de Eduardo Tagliaferro, ex-chefe da Assessoria Especial de Enfrentamento à Desinformação (AEED), do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), pediu que o ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF), seja afastado do inquérito aberto para apurar o vazamento de mensagens dele com assessores. A ação foi protocolada na própria Corte.

A decisão sobre o afastamento de Moraes da relatoria do inquérito cabe ao presidente do STF, Luís Roberto Barroso. O conteúdo das mensagens foi publicado pelo jornal *Folha de S. Paulo* — que afirma ter o magistrado trocando conversas “fora do rito”, ao solicitar relatórios e informações aos subordinados.

Os dados foram usados em

inquéritos que correm no STF e apuram ataques às instituições democráticas e ao sistema eleitoral. Entre os principais alvos das investigações, estão políticos bolsonaristas e apoiadores do ex-presidente da República.

Nas conversas, Moraes teria orientado o levantamento de informações sobre os investigados e cobrado relatórios de seus subordinados. O ministro argumenta que todos os procedimentos processuais estão registrados e que ocorreram legalmente.

Um inquérito foi aberto no STF para apurar de onde e quem teria vazado as mensagens. O próprio Moraes é o relator da ação — conduzirá as diligências, solicitará ações e informações para órgãos responsáveis e decidirá o rumo do processo.

Tagliaferro prestou depoimento na Superintendência da

Gustavo Moreno/STF



Ministro terá total controle da ação em que é o centro da polêmica

Polícia Federal (PF) em São Paulo e negou ser o autor dos vazamentos. afirmou que entregou seu celular à Polícia Civil, por conta de uma investigação em que é acusado de violência doméstica. Negou, ainda, que tenha repassado conversas por aplicativo

para jornalistas ou para qualquer pessoa que pudesse ter vazado o material.

A ação está em tramitação em Caieiras, na Grande São Paulo. Aliados de Moraes acreditam que o material pode ter sido vazado por policiais civis do estado.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br



O Brasil no admirável mundo dos BRICS

O economista Paulo Gala, professor da economia da EESP/FGV, é um dos maiores especialistas em política industrial e comércio exterior do Brasil. Muito ativo nas redes sociais, vem chamando a atenção do grande público para a importância dos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), em particular, para o Brasil. Estabelecido em 2006, o grupo pesa cada vez mais nas relações internacionais, com destaque para a China e a Índia.

Segunda maior economia do mundo, depois dos Estados Unidos, segundo Gala a China se estabeleceu como um líder global em inovação e tecnologia, com empresas como a Huawei, Tencent e Alibaba, que atuam em setores como telecomunicações, comércio eletrônico e inteligência artificial. E passou por um grande avanço na infraestrutura, com a construção de sua rede de ferrovias de alta velocidade e projetos ambiciosos de logística, como a iniciativa do Cinturão Econômico da Rota da Seda.

A Índia também emergiu como líder global em serviços de tecnologia da informação e terceirização de processos de negócios. Cidades como Bangalore são centros tecnológicos, com empresas de TI de renome.

O país é um dos maiores produtores de medicamentos genéricos do mundo. Destaca-se, também, na pesquisa espacial, com realizações notáveis, incluindo a Missão Marte Orbiter (Mangalyaan) e o lançamento de inúmeros satélites para diversos fins.

Em postagem recente no X (antigo Twitter), Gala elencou diversas razões para que o G-7 (Canadá, Estados Unidos, Reino Unido, França, Itália, Alemanha e Japão), o grupo de países mais desenvolvidos e industrializados do mundo, passe a levar mais a sério a existência dos BRICS, que somarão, em breve, 3,7 trilhões de habitantes — ou seja, 46% da população mundial. Vamos a elas.

China, Índia e Brasil estão entre as 10 maiores economias do mundo. Os indianos também pousaram na Lua, e os BRICS (Rússia, oito; China, três; e Índia, um) estão quase igualando o número de missões lunares dos EUA (15).

Os BRICS representam 32,1% do PIB global contra os 29,9% do G-7. Em 2024, cinco países se associaram: Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita, Etiópia, Egito e Irã.

Em 2023, a Índia tornou-se a maior população do mundo, com o maior número de usuários do Facebook, Instagram, YouTube e WhatsApp, e exportou mais em software (US\$ 133 bilhões) do que a Arábia Saudita em petróleo (US\$113 bilhões). Em 2022, a China comprou 97% de todo o lítio da Austrália, o maior produtor mundial, e responde por 57% dos carros elétricos do planeta.

A maioria das pessoas no Ocidente não conhece a Saudi Aramco, a petroleira da Arábia Saudita, que, agora, faz parte dos BRICS e fatura US\$ 48 bilhões/ano, mais do que a Tesla, Meta, Apple e Microsoft juntas, que somam US\$ 45 bilhões/ano. As duras sanções do Ocidente contra a Rússia são quase inúteis, porque os russos estão inundando a Ásia com petróleo — e os chineses inundando a Rússia com produtos industrializados.

Pragmatismo

Os chineses lideram a distribuição de supercomputadores. A indiana Tata Motors comprou a Jaguar e a Land Rover. A chinesa Geely comprou a Volvo, e a vietnamita Vinfast abriu capital na Bolsa de Nova York e já vale mais do que a General Motors.

O leste da Ásia (China, Índia, Coreia do Sul, Taiwan e Japão) formam o bloco econômico mais importante do mundo, maior do que os EUA ou a Zona do Euro, pois 70% do crescimento do mundo este ano vem da Ásia — a China, sozinha, responde por 1/3 do crescimento mundial.

Mais de 20 países querem entrar nos BRICS. Bangladesh, por influência da Índia; Egito, Etiópia e Marrocos, da Rússia; Belarus e Cazaquistão, antigas repúblicas soviéticas, também fizeram a solicitação.

Tailândia e Vietnã pediram para ingressar no bloco, e Arábia Saudita busca aproximação. Países ligados aos Emirados Árabes Unidos — como a Palestina, Nigéria e Bahrein — já manifestaram interesse. O Irã não fica atrás.

Na América Latina, países como Cuba, Honduras e Venezuela querem ingressar no bloco. O próximo encontro do BRICS será em Moscou e caminha nessa direção.

É uma grande mudança geopolítica. Entretanto, há contradições políticas relevantes entre esses países. Exemplo: a Rússia é aliada da China, porém, a Índia é aliada dos Estados Unidos. É um erro avaliar que esses países formam um bloco monolítico, tanto quanto é insensato, no caso do Brasil, um alinhamento que não leve em consideração as relações históricas com os EUA e a União Europeia.

Nosso principal parceiro comercial é a China, que compra nossas commodities minerais e de alimentos, e nos vende a maior parte dos produtos industrializados que consumimos. Isso está matando a nossa indústria e nos toma mercado. Essa mudança geopolítica está por trás da crise da Venezuela, que rompeu com o Ocidente democrático e se tornou aliada incondicional da China.

Essa não pode ser a nossa. Defendemos a democracia e uma política externa independente e pragmática, cujo eixo são nossos interesses. Devemos nos relacionar igualmente com os países dos BRICS e o Ocidente democrático, ao qual pertencemos.